

10^ª Jornada APOIAR

**LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL
E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL
20 ANOS: O PERCURSO E O FUTURO.**

ISBN 978-85-86736-521-3

**LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO e
TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG (Organizadoras)**

23 DE NOVEMBRO DE 2012

apoio



LEILA SALOMÃO DE LA PLATA CURY TARDIVO

TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO VAISBERG

**ANAIS DA X JORNADA APOIAR: LABORATÓRIO DE
SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL**

20 ANOS: O PERCURSO E O FUTURO

SÃO PAULO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

2012

REALIZAÇÃO

PRÓ REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA USP

PRÓ REITORIA DE PÓS GRADUAÇÃO DA USP

INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA USP

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL

Apoio:

FAPESP

VETOR EDITORA PSICOPEDAGÓGICA

Catlogação na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (10.: 2012: São Paulo)

Anais da X JORNADA APOIAR: LABORATÓRIO DE SAÚDE MENTAL E PSICOLOGIA CLÍNICA SOCIAL 20 ANOS: O PERCURSO E O FUTURO, realizada em 23 de novembro de 2012 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania maria José Aiello Vaisberg São Paulo : IP/USP, 2012.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-51-3

1. Psicologia clínica 2. Saúde mental 3. Violência 4. Clínica I. Título.

ISBN 978-85-86736-51-3



RC467

Em comemoração do vigésimo ano de existência do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social

Jussara Falek

Instituto de Psicologia da USP

École Lacanienne de Psychanalyse

Para Iniciar agradeço o convite para festejarmos juntas o vigésimo aniversário do Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social, do qual sou hoje, eu também, um membro.

Vou fazer-o recordando junto com vocês os momentos de seu nascimento, sua história, porém sem a pretensão de fazer a história deste laboratório, mas apenas de lembrar momentos que partilhei como membro do departamento de psicologia clínica, tentando extrair daí algumas significações.

O Laboratório foi fundado em 1992 inicialmente voltado para pesquisas sobre "psicanálise de representações sociais sobre a loucura", mas a primeira recordação que tenho data de 1997 ocasião em que foi proposta a criação neste laboratório de um novo dispositivo que se propunha naquele então a um trabalho de reciclagem de papel. Eu era membro do conselho do departamento, e votei pela sua aprovação. Lembro-me que votei a favor de forma convicta e apreciando a atualidade da proposta que a um só tempo se alinhava a um novo modo de fazer com a loucura que era proposto pela reforma psiquiátrica no Brasil, e, a metáfora cai bem aqui, com os dejetos que produzimos, "reciclando", papéis, no caso.

Começava-se, na época, a pensar em reciclagem, e metaforicamente pareceu-me, soou-me interessante a ideia de reciclar o papel do louco em nossa sociedade. Coisas de

lacaniana, que eu evidentemente guardei para mim, mas que não estavam assim tão fora de sentido, pois penso que desde o começo de sua carreira Tânia esteve envolvida com essa tal reciclagem, do lugar do louco. Um trabalho de formiga que vamos fazendo desde o início de nossas carreiras, com paciência.

Os primeiros anos de nossa carreira docente na Universidade de São Paulo foram os anos da ditadura militar. No meu caso, eu fui contratada muito jovem, recém formada, com o simples argumento de que havia um departamento que estava se iniciando, e que havia necessidade de professores. Creio que este foi o mesmo que aconteceu com Tania. Começamos assim nossa carreira no Departamento de Psicologia Clínica, que estava sendo constituído naquele momento.

Este departamento é responsável por deixar uma verdadeira e importante marca na cultura brasileira e paulistana pois viu-se surgir a partir das salas de aula do nosso IP muita inovação no campo da psicanálise. Inicialmente a própria psicanálise, introduzida por Durval Marcondes no Brasil, que foi quem iniciou a nossa clínica a partir de um curso de especialização montado em estrutura semelhante àquela que ele também imprimia à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, a partir da experiência de estágio supervisionado. O aluno inexperiente ainda, tendo contato com a novíssima teoria a partir da clínica, uma forma de transmissão que, pude constatar isso recentemente, concerne à nossa universidade brasileira de forma um tanto original.

Na época em que fomos contratadas a psicanálise era predominantemente kleiniana em nosso meio, mas no ano de 1977, a partir dos bancos da pós-graduação, começou-se a ouvir falar de algo novo: Jacques Lacan. O professor que trouxe, entusiasticamente, a boa nova foi Luís Carlos Nogueira, um intelectual que apesar de ter sido muito discreto, foi capaz de incendiar nosso meio acadêmico e dar início a um movimento que se espalharia mais tarde fazendo uma transmissão digna desse nome.

Guiada pela leitura cuidadosa que se desenvolvia nos grupos do Centro de Estudos Freudianos, instituição criada por um grupo de psicanalistas brasileiros dentre os quais estava Luís Carlos, ia-se tomando contato com as ideias desse autor complexo.

Também ouvia-se, das salas de aula deste mesmo departamento de psicologia

clínica, falar de Winnicott, em uma leitura original, que se distanciava um tanto das ideias de desenvolvimento tão impregnadas do pensamento de Melanie Klein. O leitor original era neste caso Gilberto Safra, em cuja interlocução Tania se inspirou para seguir desenvolvendo seu trabalho de “reciclagem” neste laboratório, divulgando ela também a sua leitura original deste mesmo autor, e com isso inovando, repercutindo em nosso meio as inovações introduzidas mundo afora no campo da psicanálise.

Mas é preciso recordar ainda a circunstância de contratação de Tania.

Diferentemente de mim, que era contratada para uma disciplina de testes projetivos, uma pequena subversão no campo da velha psicotecnia, no caso de Tânia a subversão era mais significativa.

Como digo eram os anos negros da ditadura militar, e dos bancos da universidade tentava-se, nós, alunos de graduação tentávamos opor resistência a todas as formas de autoritarismo que víamos pela frente, e com isso havia cursos que “criavam problema” para a chefia do departamento.

Conseguimos que disciplinas como neurologia e estatística fossem transformadas em disciplinas optativas, e ante o encarceramento manicomial a que assistíamos semanalmente no Hospital Psiquiátrico da Vila Mariana e a náusea que nos provocava o espetáculo público da administração de eletrochoques nas pacientes deste hospital, conseguimos a proeza de afastar o trio de psiquiatras que se responsabilizavam pela disciplina de Psicopatologia. E quem viria substituí-los? Nada menos que uma psicóloga recém formada, como foi no meu caso. Tânia era colocada bem no olho do furacão, para acalmar os ânimos da galera enfurecida com o autoritarismo de uma psiquiatria que começava a ficar velha.

Talvez Dra. Odete Lourenção van Kolck, chefe longeva do Departamento de Psicologia Clínica, não esperasse que aquelas duas novatas fizessem grande coisa, mas o fato é que fizemos sim. Fizemos todos nós que fomos alunos do IP naquela ocasião. Ao lembrar agora as modificações curriculares que conseguimos provocar naquela época parece-me até que depois disso modificou-se muito pouca coisa, substancialmente, em nosso currículo. Participei de todas as comissões de mudança de currículo que tiveram lugar

no IPUSP ao longo de minha carreira docente.

Assim, coube a Tânia sustentar essa disciplina de psicopatologia creio que por 30 anos, criar esse laboratório e exercer uma prática humana junto à loucura. Uma prática que hoje é conhecida e reconhecida internacionalmente.

Admiro sua habilidade pessoal em manter-se forte nesta posição tão vulnerável, sustenta-la pacificamente, sendo que a posição não era exatamente pacífica. E admiro também sua habilidade em fazer uma descendência, em deixar sua marca neste Instituto de Psicologia, na forma deste laboratório que comemora hoje 20 anos.

São então 20 anos de Laboratório, 10 sob a coordenação de Tânia e 10 sob a coordenação de Leila. Leila imprimiu diretrizes próprias ao laboratório, que incluíram a criação do serviço Apoiar que, neste momento, realiza sua 10a. Jornada.

Leila, é uma professora universitária que se destaca pelas pesquisas clínicas que orienta mas também por sua generosidade, pessoal e acadêmica. Ela tem como lema facilitar, articular, promover intercâmbios, debates e reflexões.

Assim, há que se reconhecer que se os primeiros dez anos serviram para uma consolidação do Laboratório, os dez anos seguintes foram usados para coloca-lo em contato com instancias do mundo acadêmico internacional e também com diferentes instituições clínicas e sociais, voltadas ao cuidado em relação ao sofrimento humano. Tudo isso feito em uma época diferente daquela em que fomos contratadas, eu e Tânia. Uma época eu diria mais competitiva e em muitos casos mais mesquinha em que justamente esse atributo de generosidade se constitui numa grande qualidade de nossa colega.

Falando ainda das inovações introduzidas por Tânia, gostaria de destacar que a Ser e Fazer é um serviço que foi criado há 15 anos, quando o Laboratório tinha já 5 anos de vida. Foi criada aí uma forma nova de atendimento psicoterapêutico, as oficinas psicoterapêuticas

de criação, que consistem no que tem sido chamado de "arteterapia winnicottiana". Elas consistem em uma forma interessante de trabalho, que pode ser coadjuvante à psicoterapia individual ou também a única forma de atendimento, dependendo do caso. Segue linhas estabelecidas pelo pensamento de Winnicott, fazendo uso de "materialidades mediadoras" que favorecem a comunicação emocional entre os participantes. É um trabalho interessante porque faz uso do método psicanalítico, em sentido amplo, mas não considera que o fator curativo seja a enunciação de sentenças interpretativas e sim a vivência de uma experiência significativa. Foi desta forma que Tânia inovou essa clínica da loucura, onde essa preocupação com rotular desaparece, sem fazer disso grande alarde.

De minha parte, agrego a esse laboratório a contribuição de meu trabalho clínico, que se irmana ao trabalho de Tânia e de Leila em algumas direções.

Em 1987, tendo concluído um mestrado e com o doutorado em fase de conclusão, dois trabalhos que tangenciavam pelo lado do diagnóstico o tema de minha escolha, a psicose, dou início à experiência clínica propriamente dita. Introduzo na clínica psicológica do IPUSP a prática do atendimento de crianças que apresentam distúrbios bastante graves, crianças que seriam normalmente encaminhadas a outras instituições, já que nossa clínica não oferecia então atendimento psicanalítico para essa população.

Tratou-se para mim de investigar a possibilidade de um tal tipo de atendimento, isto é, saber se é possível atender a uma criança que apresenta distúrbios graves dentro de um enfoque psicanalítico de vertente lacaniana.

No ano 2000 concluí essa pesquisa e uma tese de livre-docência, tendo desenvolvido um estilo de trabalho que possibilita essa clínica, um primeiro passo importante, mas que permite apenas a abertura de um campo muito amplo, que deixa ainda muito a ser explorado.

Entre 1987 e 2007 coordenei e supervisionei o atendimento de 106 casos. A maioria desses casos pôde abandonar o sintoma do autismo e seguir sua vida. No ano de 2002 ainda havia, no entanto, 5 pacientes que eu acompanhava já fazia muito tempo, crianças

que não tinham encontrado uma solução para o seu problema apenas com o atendimento clínico, não tinham encontrado uma forma de viver com seu sintoma que fosse menos limitadora.

Foi para buscar um caminho para seguir o atendimento desses 5 pacientes que criei o Projeto TECER.

Em 1996 o Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo tinha como chefe o saudoso Professor Luís Carlos Nogueira. Na época ele tentou aproveitar sua gestão como chefe do departamento para remodelar a nossa clínica adequando-a ao referencial psicanalítico. Luís Carlos me chamou um dia em sua sala de diretor. Eu já estava bastante embrenhada nos caminhos da psicose na infância, e ele, que conhecia bem meu trabalho, pois fora meu orientador no mestrado e no doutorado, solicitou-me um projeto para um serviço destinado a esses pacientes de que eu me ocupava, feito segundo um referencial psicanalítico.

Saí dessa reunião muito entusiasmada. Mal sabíamos naquele momento o que significava esse pedido, nem ele provavelmente, e nem eu.

De todo o modo, o pedido feito por esse mestre saudoso deu-me a oportunidade de quebrar minha cabeça por mais de dez anos e com isso crescer em minha investigação. Em 2002 eu apresentava à FAPESP, ao CNPq e à Comissão de Cultura e Extensão do Instituto de Psicologia da USP o meu projeto de serviço, aquele que Luís Carlos havia solicitado. Foram necessários seis anos e um bom motivo para construir esse projeto, que era um projeto que previa uma equipe de pesquisadores coordenadores, e Tânia era um deles, e duas equipes de profissionais que iriam desenvolver os atendimentos clínicos e de permanência em oficinas. E como costuma acontecer sempre quando apresento meus projetos de pesquisa, recebi pareceres surpreendentes. O parecerista do CNPq entendeu que não se tratava ali de uma pesquisa, a Comissão de Cultura e Extensão do IPUSP que não se tratava de extensão, e quando eu já considerava a possibilidade de desistir da idéia, posto que Luís Carlos Nogueira já não era mais o chefe do departamento de Psicologia Clínica, obtive um parecer favorável da FAPESP, e pude realizar mais esse pedaço de caminho.

O Projeto TECER não se converteu no serviço pretendido por Luís Carlos, mas minha pesquisa foi fecunda em sinalizar caminhos e hipóteses que sigo desenvolvendo como pesquisa atualmente. E é com elas na bagagem que me junto a esse laboratório, tardiamente diga-se de passagem, e constatando ao escrever essas linhas que somos ainda muito jovens em nossas idéias, e que nos cabe ainda sustenta-las em nosso meio com nosso fazer despretensioso.

Meus parabéns sinceros a Tânia e a Leila.